



Práticas Corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus

Nota Técnica 6 - GTT Gênero do CBCE

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), por meio da sua Direção Nacional e dos seus 13 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs), tem proposto um processo comunicativo de reflexões e esclarecimentos sobre as práticas corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus. A sexta nota técnica dessa série de publicações é do GTT 7 – Gênero.

Perante a pandemia reconhecemos que, apesar do vírus nos colocar igualmente sob o risco de adoecer, sabemos que há impossibilidades distintas em uma sociedade marcada por classes, raças/etnias e gêneros e que é organizada a partir de hierarquias e interesses econômicos, políticos e sociais. Segundo Butler¹ “Parece provável que passaremos a ver no próximo ano um cenário doloroso no qual algumas criaturas humanas afirmam seu direito de viver ao custo de outras, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas passíveis e não passíveis de luto, isto é, entre aqueles que devem ser protegidas contra a morte a qualquer custo e aqueles cujas vidas são consideradas não valerem o bastante para serem salvaguardadas contra a doença e a morte”. Consideramos que minorias sociais como mulheres, populações queer e trans tornaram-se alvo nesse contexto. Pensando especificamente nas práticas corporais, destacamos que o contexto cultural deve ser considerado: em geral, meninos e meninas são socializados, respectivamente, nas esferas pública e privada, recebendo uma educação generificada acerca dos jogos, esportes, ginásticas, danças, etc. Este quadro faz com que meninos, em sua maioria, ainda estejam mais acostumados com o espaço público para brincar/jogar; enquanto meninas, em sua maioria, costumam se entreter com mais atividades no espaço privado. Em que pese a participação efetiva de mulheres no contexto público, em geral ainda lhe é atribuída a responsabilidade pelos cuidados com a casa. Precisamos nos atentar para práticas sexistas (utilizando como base o discurso biológico de diferenciação entre homens e mulheres) no ambiente familiar que reforçam essa realidade em tempos de isolamento social² para combatê-las, quais sejam: atividades domésticas e cuidados dos filhos realizadas exclusivamente por mulheres, enquanto os homens ainda se limitam ao home office e realização de pequenas tarefas para “ajudar a mulher”. Diante deste cenário sexista, machista e paternalista, um caminho talvez seja envolver as crianças em práticas corporais que oportunizem a desconstrução desses limitantes e gerem outras perspectivas na produção de discursos e na (des)construção da(s) verdade(s) a respeito dos corpos. Práticas como a dança, a ginástica e as brincadeiras cantadas realizadas pelos homens (assim como diversas maquiagens e suas diferenciações: mimo, palhaço, expressões de sentimentos diversos),

¹ Butler, J. **Sobre a Covid-19: ‘O capitalismo tem seus limites’**. <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/> acesso: 26 de março de 2020.

² Conforme relatório da ONU Brasil, as mulheres continuam a ser mais afetadas pela violência de gênero, dificuldade de acesso a serviços de saúde, pelo trabalho não remunerado e exacerbam estereótipos, bem como a hipersexualização das mulheres (2020) ver: Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe Dimensões de gênero na resposta site: <http://www.paho.org/bra/covid19>



COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – DN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS
e-mail: cbcedn@gmail.com - Telefone: (41) 3360-4201

por exemplo, podem ser pensadas como profícuas nessa direção, além de envolver todos os sujeitos no ambiente de isolamento, é capaz de criar um/a tensionamento ou contraconduta aos demarcadores de gênero impostos pela nossa sociedade, além de oportunizar a reflexão acerca de músicas que objetificam corpos, notadamente, o das mulheres. Diante deste cenário sexista, machista e paternalista nos questionamos: como os meninos enfrentarão a necessidade de confinamento no espaço privado? Como as meninas conseguirão ter outras experiências corporais e lúdicas dentro do espaço que se torna cada dia mais perigoso, incluindo os abusos sexuais que ocorrem no âmbito da própria família? Como homens e mulheres se adequarão a essas novas demandas sociais e educativas? Será que a chegada do Covid-19 limitará ainda mais as possibilidades de meninas ocuparem o espaço público? Que esse seja um momento para nos sensibilizarmos em relação às construções das masculinidades e feminilidades via práticas corporais/esportivas/lúdicas que poderiam auxiliar na compreensão das diferenças comportamentais entre meninos e meninas em tempos do Covid-19.

17 de abril de 2020,

GTT “Gênero” e Direção Nacional do CBCE.